

ESTUDO DE CASO

História real de uma mulher cigana que foi injustamente acusada de roubo. Aconteceu há cerca de 20 anos atrás, quando frequentava o 1º ciclo e tinha cerca de 7 anos.

Um dia, uma das crianças da turma (não cigana) disse à mãe que os seus ténis tinham sido roubados. A mãe foi à escola e acusou a menina cigana de os ter roubado. Isto foi feito sem qualquer prova ou motivo para suspeitar dela, uma vez que até então era vista como boa aluna, com comportamento exemplar. A acusação deveu-se unicamente ao preconceito de que “os ciganos roubam”.

A menina defendeu-se e procurou apoio na professora, esperando que esta a defendesse, contudo, refere que, embora não a tenha acusado diretamente, também não a defendeu, sentindo-se injustiçada.

No dia seguinte, os ténis foram encontrados (nunca tinham sido levados), mas ninguém — nem a mãe do colega, nem a professora — pediu desculpa à menina cigana por a terem acusado injustamente.

Hoje, essa menina é uma mulher e mãe e aprendeu, com apenas 7 anos, que:

1. Ela era diferente dos outros.
2. Podiam chamá-la de ladra sem provas, apenas por ser cigana.
3. Todo o seu esforço para se portar bem e ser uma boa aluna era inútil, porque o preconceito não mudaria.
4. Já não podia confiar na professora (que adorava até aquele momento), nem pedir-lhe ajuda se precisasse.
5. Teria de se defender sozinha durante toda a sua vida escolar.

Lição desta história: as competências de um professor para praticar educação intercultural e inclusiva são, antes de tudo, sociais, emocionais e reflexivas.

O racismo e o preconceito existem em todos nós, mesmo quando achamos que estamos “livres” deles.



Forúm: Questão de reflexão: Após acontecimento, que postura devia a professora assumir, com a turma?